



## O simbolismo de Atena : o mito sob o olhar literário de Homero

The symbolism of Athena: the myth under the literary perspective of Homer

Vagner Carneiro Porto<sup>1</sup>

Larissa de Souza Correia<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo visa uma análise histórica da deusa Atena, entre o período homérico e arcaico, para compreender as mudanças do mito e suas relações com as transformações sociais do período embasando-se na leitura dos poemas homéricos em conjunto com outras obras do período e a bibliografia da área permitindo a identificação dos principais atributos da divindade e suas diferenciações em momentos históricos distintos.

**Palavras-chave:** Mitologia Grega, Atena, representações

**Abstract:** This article intent to do a historical analysis of goddess Athena, between the Homeric and Archaic period, to understand the changes of myth and its relationship to the social transformations of period based in the Homeric poems and other works view's for to identificate the main attributes of Athena and their differentiation in different historical moments.

**Keywords:** Greek mythology, Athena, representations

### Introdução

A temática mitológica sempre foi um objeto recorrente nas manifestações culturais e artísticas do ser humano, seja na literatura homérica, nas tragédias clássicas, ou em manifestações de períodos mais recentes como no renascimento e no neoclassicismo.

No campo científico o mito está presente em diversas áreas como a psicanálise de Freud e Jung, a antropologia de Levis Strauss e a historiografia de Vernant e Vidal-Naquet. No entanto, ao nos depararmos com a realidade dos livros didáticos, do ensino básico de História, em que é comum se privilegiar o conhecimento filosófico e racional da Grécia Antiga em detrimento do conhecimento mítico, que acaba sendo colocado, na maioria das vezes, em um segundo plano, percebemos uma representação da Grécia Antiga como uma civilização cujo ápice “evolucionista” de seu pensamento está no

---

<sup>1</sup> Doutor em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de História da Universidade de Santo Amaro (UNISA). Supervisor e professor do Lato Sensu em Arqueologia promovido pela UNISA, no qual leciona a disciplina de Arqueologia da Grécia e Estudos Arqueológicos. E-mail: vc.porto@uol.com.br

<sup>2</sup> Pós-graduanda em Arqueologia pela Universidade de Santo Amaro (UNISA). Graduada em História pela Universidade de Santo Amaro (UNISA) e membro do GP-CNPq *Políticas e Identidades Ibero-Americanas*. E-mail: larissasouzacorreia@hotmail.com

período clássico, com o pensamento filosófico se sobrepondo à vivência mítica dos cidadãos atenienses, por exemplo.

Claude Mossé (1984) aponta a tendência da historiografia que privilegia o período clássico e afirma que ainda é bastante recente o interesse em se fazer estudos de períodos anteriores. Mas, atualmente, graças às novas abordagens, é possível se constatar as contribuições dos períodos micênico, homérico e arcaico para o que virá a se transformar a polis grega. É importante ressaltar que o século VII, período arcaico, como colocado por Vernant (1986) é o período no qual a Grécia volta a ter contato com o Ocidente, causando assim diversas modificações culturais na sociedade.

Entre os séculos XVII e XVIII a propósito da formação dos Estados Nacionais europeus, a Grécia Clássica se converteu em um “berço digno” da civilização ocidental que estava a se formar. Coube ao século XIX, com seu pensamento racionalista e cientificista, valorizar apenas o pensamento filosófico da sociedade, relegando seus mitos a uma esfera menor.

Hoje, olhar para outros momentos da Grécia antiga, não apenas para o período Clássico, mais comumente usado, é uma forma de trabalhar para a desconstrução de tais conceitos, lançando outro olhar para uma Hélade que privilegiava e fazia prevalecer seu pensamento e sua vivência mítico-religiosos.

Este trabalho não tem como premissa desconsiderar a importância do pensamento filosófico grego, pelo contrário, é inegável seu peso para a cultura ocidental desde seu surgimento até os dias atuais, mas sim lançar um olhar de caráter “histórico” no mito, compreendendo as características e transformações de uma personagem mítica em um determinado espaço e tempo buscando respostas a seguinte indagação: A sociedade modifica seus mitos?

### **Contexto histórico das obras**

Os poemas homéricos estão entre as principais obras literárias do período grego conhecido como “Idade das Trevas”<sup>3</sup>, a ponto do período homérico ter recebido este nome em homenagem ao seu principal poeta, Homero, cuja obra foi e ainda é diversas

---

<sup>3</sup> Não se deve confundir a Idade das Trevas grega, com a Idade Média que também era conhecida pelo mesmo nome. Enquanto a Idade das Trevas medieval se refere a um retrocesso no campo técnico científico (atualmente inclusive questionado pela historiografia) e desaparecimento quase total da escrita, a Idade das Trevas grega também se relaciona a um período sem escrita, e de desaparecimento nas técnicas artísticas dos motivos figurativos, para uma predominância no estilo geométrico, mas é de fato usada para exemplificar a falta de informações que a historiografia tem sobre este período.

vezes resgatada pela sociedade ocidental, e teve uma influência ainda mais intensa no mundo antigo, como bem exemplificado por Anthony Snodgrass (2004):

[...] Homero era frequentemente apresentado como um manancial (se não como a única fonte) de sabedoria em um vasto campo de atuação: espiritual, intelectual e prático.[...] Citar um verso de Homero era um meio hábil de dar força a um argumento relativo a praticamente qualquer assunto. Conhecer tão bem a suas obras a ponto de recorrer à vontade a uma passagem apropriada constituía um requisito para a solução de muitos problemas de ordem prática. Conhecê-las de memória poderia, ao menos em tese, ser uma habilitação suficiente para o exercício da liderança, em qualquer esfera.[...] (SNODGRASS, 2004, p. 20 – 21).

A fala de Snodgrass diz respeito à importância de Homero para o mundo grego-romano no qual como o próprio autor coloca, o conhecimento dos poemas homéricos era um requisito para a liderança. Claude Mossé (1984) também trata desta significação social da obra de Homero para os antigos:

É que de certa forma estes dois longos poemas continham efetivamente em si uma súpula de todo o saber dos gregos e constituíam, para retomar aqui a fórmula de E. Havelock, ‘o instrumento principal da formação e da integração do indivíduo no contexto social’ (MOSSÉ, 1984, p. 41).

Diversos estudiosos, atualmente, acreditam que os poemas homéricos foram escritos em épocas diferentes e por autores diferentes, devido as suas distinções entre temáticas e estilos de escrita, e acrescida pela pouca informação biográfica do autor; tal discussão e comentada em obras como: Finley (1963), Jardé (1977) e Jaeger (1995). A obra de Jardé, inclusive, discute não apenas a possibilidade da *Ilíada* e da *Odisséia* terem sido escritas por autores diferentes, como também que os cantos que compõem os poemas podem ser de autoria de diversos poetas, vários “poetas homéricos” cujos cantos foram compilados e reunidos nas duas obras, e a autoria teria sido creditada a um Homero que jamais existira, além de citar os *corizontes* alexandrinos, autores da

antiguidade, do século III a.C., que também acreditavam que os poemas homéricos foram escritos por dois poetas diferentes.

Além das obras de Homero esse artigo faz uso também das obras de Hesíodo *Teogonia* e *O trabalho e os dias*, contemporâneas à Odisséia além da tragédia grega *Eumênides*, escrita por Ésquilo e apresentada em Atenas por volta de 458 a.C. Embora a obra de Ésquilo seja do período clássico, ultrapassando um pouco o recorte cronológico escolhido para este trabalho, as características simbólicas da personagem permanecem semelhantes ao período estudado, situação natural se levarmos em conta a Teoria da História de longa duração de Fernand Braudel.<sup>4</sup>

Para o estudo de Atena nos poemas homéricos foi utilizada a versão digital da edição da *Ilíada* de 1874 em verso traduzida por Manoel Odorico Mendese e a versão da *Odisséia* em versos da editora Tecnoprint em 198? .

### **Atena, filha de Zeus**

Diversas passagens dos poemas apresentam uma forte relação entre Zeus e Atena, nas quais ela é sempre colocada como filha de Zeus, vale ressaltar que grande parte dos deuses gregos são filhos de Zeus, no entanto Atena é sempre colocada como “a filha de Zeus”, como se fosse a principal de toda a sua prole, lembrando que a mesma fora a deusa que como colocado em Hesíodo nascera da cabeça de seu pai e fora gerada sem mãe, já que segundo o mito Zeus devora Métis que estava grávida dele, pois uma profecia de Gaia e Urano dizia que Métis teria dois filhos, uma menina (Atena) e logo em seguida um menino que cresceria e derrotaria o pai (assim como Zeus derrotaria Cronos, “a História se repete” o mito apresenta uma circularidade).

Após devorar Métis, Zeus sente uma forte dor de cabeça, pede que Hefesto lhe de uma machadada para tentar melhorá-la e com isso Atena sai de sua cabeça já adulta e armada, sendo de certa forma uma versão feminina do mesmo, entretanto é uma versão feminina que nasce sem uma mãe, mas apenas de um pai.

Os dicionários mitológicos de Pierre Grimal (1992) e Junito Souza Brandão (1991) apresentam uma versão um pouco diferente do mito, no qual a profecia dizia que Métis teria uma filha (Atena) e o filho desta filha viria a destronar Zeus, como Atena não nasceu

---

<sup>4</sup> História de Longa duração – Conceito criado pelo historiador Fernand Braudel em sua tese de doutorado *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Felipe II* para o estudo de fenômenos históricos que se verificam em um período muito prolongado de tempo, passando por muitos anos e transcorrendo até mesmo séculos.

do corpo de Métis, mas sim da cabeça de Zeus e manteve-se virgem a profecia não se realizou.

A respeito do nascimento de Atena, a tragédia grega *Eumenides* escrita por Esquilo por volta de 485 a.C., apresenta uma passagem na qual Apolo justifica um matricídio declarando que a mãe apenas nutriu a semente paterna, não possuindo laços consanguíneos com seu filho, e usa como exemplo o nascimento da própria deusa Atena:

Oferecer-te-ei uma prova cabal  
De que alguém pode ser pai sem haver mãe.  
Eis uma testemunha aqui, perto de nós  
- Palas, filha do soberano Zeus olímpico -,  
Que não cresceu nas trevas do ventre materno;  
Alguma deusa poderia por si mesma  
Ter produzido uma criança semelhante?  
(Ésquilo. *Eumênides*, p. 34).

O julgamento de Orestes também é frequentemente discutido na obra *Mito e Tragédia na Grécia Antiga II* (1991) de Jean Pierre Vernant e Pierre Vidal-Naquet, no qual os autores utilizam da tragédia de Ésquilo, para discutir questões relativas a democracia na tragédia, a divindade sendo utilizada para representar a cidade, e sua posição no julgamento de favorecimento ao público masculino.

Nas *Eumênides*, os juízes que decidirão o destino de Orestes e que votam efetivamente são também figurantes mudos. Apenas Atena fala e vota ao mesmo tempo. Seu voto conduz à absolvição de Orestes (734-753). A cidade está representada por sua deusa epônima<sup>5</sup>. São esses os descolamentos que marcam a democracia trágica. (VERNANT J. P, NAQUET P.V, 1991, p. 107).

A imagem de Atena é bastante presente em Homero, tanto na *Ilíada* quanto na *Odisséia*, em Hesíodo a personagem aparece com uma recorrência menor de vezes, mas ainda assim com funções importantes. Na *Teogonia* a presença da deusa se dá primeiramente na introdução do poema, onde o autor cita algumas das personagens

---

<sup>5</sup> Epônimo: adj.1. Que dá o seu nome a alguma coisa. s. m. 2. Divindade que, dando o seu nome a uma cidade, a tinha sob a sua proteção. (<http://www.priberam.pt/>)

míticas às quais o poema é dedicado indicando primeiramente Zeus, depois Hera, em seguida Atena, Apolo, Artemis e etc.

As comentadoras da presente obra, Ana Lúcia Silveira Cerqueira e Maria Therezinha Áreas Lyra nos atenta em nota explicativa que a ordem pela qual são referidos os deuses já pode ser uma possível indicação de seu status mítico e de sua posição familiar. Apresentou-se Zeus, o pai, Hera, a mãe, e em seguida os filhos e outros parentes, todavia, por ser Atena a primeira filha, possivelmente ela seja a principal dentre os demais da prole divina.

É possível correlacionar essa questão levantada pelo tradutor do texto Hesíodico com inúmeras passagens tanto da *Ilíada* quanto da *Odisséia* nas qual Atena apresenta a mesma posição, de filha de Zeus, como na qual Atena e Hera unidas desafiam Zeus sobre suas ações desfavoráveis aos gregos na guerra.

“Contíguas, gemem comprimindo os lábios  
Juno e Minerva, e dano aos Teucros urdem.  
Cala e a seu pai Minerva oculta a raiva;  
Mas Juno estoura: “Atroz Satúrnio, como!  
Corcéis tenho estafado em colher tropas  
Contra Príamo e os seus; e frustrar queres  
Meu suor, meu trabalho? Embora o faças;  
Nunca os deuses porém to aprovaremos.”  
(Homero, *Ilíada*, p. 116)

Percebe-se em tais passagens a autoridade de Zeus como pai soberano, Hera medindo forças e Atena ainda que discordante não questionando as ordens paternas.

Refletindo acerca da relação de pai e filha entre Zeus e Atena, acreditamos que cabe aqui um retorno ao mito teogônico apresentado no início do texto, no qual Zeus devora Métis grávida, para impedir que dela nasça o filho que lhe destronaria. Esse ato muda a profecia, já que Atena nasce da cabeça do próprio Zeus. Se analisarmos o mito, percebemos que a deusa vem romper o ciclo de parricídios iniciado quando Cronos mata Urano.

Deste mesmo assassinato nasceram as Fúrias, deusas da vingança familiar, apresentadas na *Teogonia*. Se fizermos uma analogia da *Teogonia* com a trilogia de Orestes percebemos que a mesma Atena ao absolver Orestes rompe com o ciclo de sangue e morte a qual a linhagem dos atridas estava condenada e após isto convida as

Fúrias a serem deusas vigilantes da cidade de Atenas, de certa forma, liberando-as da posição de vingadoras de assassinatos familiares.

Atena rompe, desta forma, com os círculos de sangue familiar, interrompendo a circularidade cósmica do deus filho que mata o deus pai para assumir o poder, absolvendo Orestes e assim limpando a tragédia que cobriu sua genealogia, os descendentes de Atreu.

### **Atena e as mulheres**

A mesma deusa é também aquela que, a pedido de seu pai Zeus, auxilia Hefesto e Afrodite na criação da mulher, instrumento de Zeus para o castigo dos homens, como colocado em Hesíodo. Hefesto cria a forma, a qual Afrodite insere os dotes de beleza e sedução, já à Atena cabe a inserção das habilidades manuais, o talento para o artesanato e a arte com o tear. Apesar de ser uma leitura discutida pela historiografia atual, Claude Mossé, em meados dos anos oitenta do século XX, afirmava que à mulher era reservada a função da senhora do oikos: “É ela também quem preside à preparação das refeições. Durante o resto do tempo, fia e tece rodeada pelas suas servas” (MOSSÉ, 1984, p. 61).

São recorrentes os momentos em que Atena é relacionada com o artesanato: além do mito de Pandora temos também o mito de Ariadne, onde a deusa também aparece ligada à tecelagem. Na *Ilíada* é ela quem inspira o artesão a criar o cavalo de Tróia, e na *Odisséia*, inspira Penélope a tecer a mortalha que a salva da insistência dos pretendentes.

As passagens citadas anteriormente acerca do artesanato, demonstram uma Atena cujo papel em relação à mulher é, na maioria das vezes: protetora; conselheira; inspiradora. Ela é aquela que engendra na mulher o dom para o artesanato, que lhe dota de sabedoria para os trabalhos manuais, dentro de um contexto doméstico, privado. É a mesma que para ajudar Odisseu, gerou um sonho inspirador em Nausícaa aconselhando-a a ir ao rio lavar as roupas de seus familiares (cumprir obrigações domésticas), pois chegara a hora em que ela se tornaria noiva. Também é a deusa que aconselha Penélope a utilizar-se do estratagema de tecer uma mortalha de dia e desmanchá-la à noite para fugir das prerrogativas dos pretendentes, defendendo assim, a fidelidade matrimonial, e ao mesmo tempo auxiliando a mulher em uma tentativa de resistência, frente às investidas masculinas.

Na mitologia Atena é uma deusa que optou por manter-se virgem. Isso não impediu que a deusa despertasse o desejo de Hefesto, que no ardor de sua paixão tentou

violentá-la derramando sêmen em suas coxas. Atena por sua vez, limpou-se e jogou o líquido na terra que acabou sendo fecundado por Gaia.

Esse mito está repleto de simbolismo, e pode gerar reflexões acerca da posição da mulher grega quanto a sua negação enquanto objeto erótico, e à maternidade (o mito traz uma possível analogia ao aborto). O mito revela ainda que a mulher busca galgar outros espaços na sociedade. A passagem do desejo de Hefesto por Atena é utilizada por Loraux (1990) para demonstrar como a escolha pela virgindade não anula a feminilidade. Em uma interessante discussão acerca do feminino entre as divindades gregas, a autora apresenta uma discussão dos historiadores sobre a orientação sexual de Atena:

Atena seria, afirma-se, a menos sexuada. Pelo menos, os historiadores das religiões gostam de insistir neste aspecto para evitar de um modo mais seguro o enigma da sua sexualidade, e comparam-se em afirmar que 'a ideia de deus, entre os Gregos, não parece ter-se libertado de todas as características sexuais senão na virgindade de Atena'. (LORAU, 1990, p. 45).

Atena desempenha um forte papel de protetora e conselheira das mulheres. Pensar Atena e o feminino, leva-nos, imediatamente, à questão de que Atena é uma das principais divindades gregas e que ao mesmo tempo é uma divindade feminina. Nesse cenário, abrem-se questionamentos sobre até que ponto a mulher grega possuía um status realmente inferior e se essa ideia não está muito mais calcada em uma leitura pouco crítica das fontes de época e que muitas vezes estão mergulhados em discursos ideológicos dos autores, geralmente homens. Os atuais estudos históricos e arqueológicos sobre o mundo antigo estão promovendo cada vez mais reflexões e discussões a esse respeito.

### **Atena e os homens**

A característica de deusa protetora se mantém no relacionamento de Atena com os homens. Em Hesíodo ela oferece seu auxílio a Hércules, e em Homero sua proteção se dá a diversos guerreiros, mas em especial a Odisseu, que na *Odisséia* se torna também seu protegido.

[...] mas o descendente de Zeus, o filho de anfitrião, Heracles, destruiu o monstro de forma implacável, com a ajuda do belicoso



Tolao e com conselhos de Atena, a colecionadora de espólios.  
(Hesíodo, *Teogonia*)

O trecho acima apresenta sua característica de conselheira em Hesíodo, à medida que Hércules destrói o monstro graças também a seus conselhos, abaixo se observa trechos que demonstram a proteção de Atena para com Odisseu nas obras Homéricas:

Esgrime, e a choupa a lúcida rodela  
Fura e a mesma couraça artificiosa,  
Rasga-lhe as carnes das costelas: Palas  
As vísceras preserva. O golpe Ulisses  
Mortal não o sentiu; recua um pouco:  
(Homero, *Ilíada*, p. 229)

O trecho acima trata da proteção de Atena à Odisseu na *Ilíada*, no contexto da guerra de Tróia, como guerreiro grego em batalha, o trecho abaixo já apresenta essa proteção em outra obra e contexto:

[...] Eis que uma vaga maior o lançou contra os duros recifes;  
E lacerara, sem dúvida, a pele, ou quebrara ai os ossos,  
Se a de olhos glaucos, Atena, o expediente não lhe sugerisse  
De contra a rocha atirar-se, abarcando-a com as mãos resistentes,  
Onde gemendo ficou, até que a vaga potente passasse.  
( Homero, *Odisséia*, p. 86)

Neste trecho a proteção se dá não mais no contexto da guerra, mas sim no de regresso à pátria, com o herói agora solitário enfrentando as intempéries da natureza para poder regressar à sua família. Enquanto o primeiro trecho trata de uma sociedade guerreira, de batalhas, o segundo trata de uma sociedade agrária, e do retorno para casa, após uma guerra que agora vive apenas na memória.

Na *Odisséia*, além de proteger Odisseu, Atena influencia intensamente o destino de Telêmaco à medida que a deusa o aconselha a partir em busca de seu pai Odisseu. Primeiramente, ela se mostra sob a forma de Mentos (amigo de Odisseu) e depois o seguiu em viagem sobre a forma de Mentor (também amigo de Odisseu), já

demonstrando outra característica sua muito comum ao longo da *Odisséia*, a de assumir outra forma, um disfarce.

Sobre essa aparição de Atena disfarçada para Telêmaco, Jaeger (1995), apresenta a seguinte interpretação:

Telêmaco presta atenção às advertências da deusa, disfarçada sob a figura do amigo e hóspede de seu pai, Mentos. É que as palavras de Mentos dizem-lhe a mesma coisa que lhe aconselham as vozes do seu próprio coração. Telêmaco é o protótipo do jovem dócil, a quem o conselho de um amigo experiente, aceito com gosto, conduz à ação e a glória. (JAEGER, 1995, p. 53).

Para Jaeger, a mudança da aparência de Atena, foi uma forma de se aproximar de Telêmaco de um modo mais familiar, sob um aspecto mais velho, para inspirar-lhe confiança, experiência, aspectos necessários, nessa jornada que o autor definiu como “telemaqueia” uma espécie de busca pela própria maturidade de Telêmaco.

Dessa forma, à Atena é atribuído um papel de protetora, conselheira e educadora de Telêmaco, em seu percurso para se tornar um homem adulto. Vale lembrar, que como colocado por Florenzano, (1996) os rapazes em Atenas passavam por uma série rituais de iniciação para chegarem a vida adulta, e um deles é o *coureion*, no qual o pai do rapaz oferece um sacrifício para os deuses da fratria, Zeus e Atena, se os membros aceitassem o sacrifício como válido o rapaz se tornaria membro do grupo. Tal ritual demonstra uma certa importância de Atena no processo de amadurecimento social do homem. Em Homero, Atena é crucial para esse amadurecimento de Telêmaco. E, como o próprio Jaeger colocou, era necessário que Telêmaco amadurecesse para poder ajudar Odisseu a enfrentar os pretendentes quando retornasse à Ítaca. Tal afirmação atenta ao principal papel de Atena na *Odisséia*: proteger Odisseu (JAEGER, 1995)

Segundo a mitologia, quando os gregos ocuparam Tróia, Ajax violentou Cassandra no templo de Atena, a deusa indignada com tal ofensa, faz com que os navios gregos se percam no retorno para casa. Esse fato inicia a jornada de Odisseu, sua perdição na tentativa de voltar para casa, que posteriormente é agravada por ter provocado a ira de Poseidon, o deus dos mares.

Entretanto Atena, apesar de ter evitado um confronto direto com o tio Poseidon, apieda-se de Odisseu, seu antigo protegido, e o auxilia em seu caminho de retorno para casa. Odisseu agrada a deusa, por seu uso forte da astúcia, na solução dos problemas.

Athena, na *Odisséia*, frequentemente utiliza-se de estratagemas astutos, saindo um pouco de sua imagem de deusa da guerra, e destacando mais suas características de deusa da sabedoria.

A propósito da relação de Athena com os homens, foi possível observar, que além de essas serem as personagens com as quais ela mais tem contato ao decorrer das obras, essa relação está fortemente ligada ao guerreiro, embora que, se na *Odisséia*, ela preza pela razão, pela astúcia; ainda assim, Athena age na formação de Telêmaco como homem guerreiro. A deusa defende Odisseu, um guerreiro. Em Hesíodo, sua relação com os homens se dá pela proteção e auxílio à Hércules, um guerreiro. A trama da *Ilíada* é totalmente centrada na guerra e nela é possível inclusive perceber Athena ganhando mais destaque e vencendo Ares, o próprio deus da guerra.

A respeito dessa forte predominância da figura do guerreiro, do herói, é importante ressaltar o período estudado por Snodgrass e citado por Mossé (1984) como “revolução estrutural” iniciada no século IX a.C. e que contempla um progresso na agricultura, no desenvolvimento da cerâmica geométrica e da metalurgia. No final do século IX a.C. e início do século VIII a.C., percebe-se um grande desenvolvimento dos santuários e principalmente do culto ao herói, ao ponto de muitas vezes os santuários locais (encontrados em larga escala no período, sendo muitas vezes vestígios reaproveitados de templos da época micênica) serem consagrados a heróis fundadores da localidade e muitas vezes próximos de onde futuramente viria a ser a *ágora* (Mossé, 1984). Este período é também quando a cerâmica volta a ser figurativa e as suas principais representações são as de guerreiros. Coincidindo com a representação do guerreiro na iconografia cerâmica do período, a literatura de Homero e Hesíodo – como vimos acima – nos oferecem importantes testemunhos a esse respeito.

### **Considerações finais**

Como resultado desta pesquisa, encontrou-se uma deusa Athena que de maneira alguma poderia ser considerada maniqueísta, ou pouco complexa, ela é, ao contrário, uma divindade extremamente plural, que transita por diversos campos, assume diversos papéis, possui infinitos atributos. Sua relação com Zeus é evidente, ela é a filha de Zeus, a primogênita. No mito, sua filiação é sempre mais ressaltada do que a de qualquer um de seus outros irmãos.

Athena é a filha que nasceu da cabeça do próprio pai, e que também rege o artesanato, a guerra e a sabedoria, atributos estes tão diferentes para pertencerem a uma

mesma divindade, mas compreensíveis à luz de todo o pluralismo da Grécia Antiga, seja de período homérico ou clássico.

A deusa Atena nas obras de Homero e Hesíodo, e mesmo entre os tragediógrafos nos remete a um entendimento de uma sociedade grega ansiosa por racionalidade, mas rica em sua mitologia que não se opõe ao racional, melhor, contribui para uma melhor compreensão do homem grego, da mulher grega.

Atena é uma deusa que se apresentou fortemente ligada às mulheres através do artesanato, e que também expressou um intenso viés pela educação, pela proteção. Ao mesmo tempo Atena se conecta ao mundo masculino através do guerreiro, e se envolve intensamente com a guerra.

Este pequeno artigo pôde constatar que Atena é uma divindade que transita pela esfera do bélico e do racional e também do masculino e do feminino.

Pudemos perceber também, com a análise dos poemas homéricos, que Atena na *Ilíada* deixa muito mais evidentes seus atributos de deusa da guerra, enquanto na *Odisséia* é muita mais forte sua posição de deusa da sabedoria, mudanças naturais tendo em vista os diferentes momentos históricos de cada obra. Entretanto, em momento algum Atena deixa de ser deusa da guerra para se tornar deusa da sabedoria ou vice versa, ela sempre congrega as duas características deixando apenas uma mais evidente que a outra de acordo com as demandas do período histórico vivido.

A Atena de Homero portanto é filha, protetora, conselheira, sábia, guerreira e artesã. Convive com homens e mulheres adequando seus atributos de acordo com a situação mítica que se apresenta. Atena é uma deusa tão plural quanto a sociedade que a criou, uma deusa que transitou pelos séculos, uma deusa proveniente da sociedade grega que modifica seus mitos, seus ritos, e a literatura esse instrumento utilizado para tantos fins, nos serviu para que verificássemos, a partir do mito da deusa Atena, essas modificações.

## **Bibliografia**

BRANDÃO, J. S. **Dicionário Mítico-Etimológico**. Petrópolis: Vozes, 1991.

ÉSQUILO. **Eumênides**. Disponível em: <http://pensamentosnomadas.files.wordpress.com/2012/03/a-oresteia-as-eumc3a9nides.pdf>. Acesso em 20 de Março de 2013.

FINLEY, M. I. **Quem eram os gregos**. Lisboa: Edições 70, 1963.

FLORENZANO, M. B. B. **Nascer, Viver e Morrer na Grécia Antiga**. São Paulo: Atual editora, 1996.

GRIMAL, P. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1992.

HESIODO. **O trabalho e os dias**. São Paulo: Iluminuras, 1991.

\_\_\_\_\_. **Teogonia**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1986.

HOMERO. *A Ilíada* disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org>. Acesso em 19 de Março de 2013.

\_\_\_\_\_. **A Odisséia**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1987.

JAEGER, W. **Paidéia, A formação do Homem Grego**. São Paulo: Martins Fontes editora, 1995.

JARDE, A. **A Grécia Antiga e a Vida Grega: Geografia, História, e Literatura, Artes, Religião, Vida Pública e Privada**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1977.

LORAU, N. **O que é uma deusa?** In: DUBY G.; PERROT M. (Org.). *História das Mulheres – Antiguidade*, Porto: Edições Afrontamento, 1990, p. 40-52.

MOSSÉ, C. **A Grécia Arcaica de Homero a Ésquilo**. Lisboa: Edições 70, 1984.

SNODGRASS, A. **Homero e os Artistas**. São Paulo: Odysseus editora, 2004.

VERNANT, J. P. **As Origens do Pensamento Grego**. São Paulo: Difel editora, 1986.

\_\_\_\_\_, VIDAL-NAQUET, P. **Mito de Tragédia na Grécia Antiga II**. São Paulo : Brasiliense, 1991.